

ORCA 2 DO AMEAL, CARREGAL DO SAL, VISEU: RESULTADOS PRELIMINARES

por

José Manuel Quintã Ventura*

Resumo: A Orca 2 do Ameal é um pequeno monumento megalítico, situado no “planalto” do Ameal, numa necrópole megalítica com, pelo menos, mais outro monumento similar, entre as povoações dos Fiais da Telha e de Oliveira do Conde, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu.

Foi identificado pela primeira vez na Páscoa de 1987, pela equipa do PEABMAN que reconhecia a área.

A estrutura do monumento configura-se como de câmara poligonal sem corredor orientada a leste. Esta estrutura encontra-se encerrada numa mamoa de forma elíptica, no sentido N-S. Não obstante remeximentos diversos, os materiais recolhidos configuram uma inserção em momentos iniciais do megalitismo regional, numa etapa coeva da apontada para monumentos similares, como sejam o de Pramelas, Canas de Senhorim e o da Orca 1 do Ameal.

Apresenta-se aqui um primeiro balanço dos trabalhos efectuados durante as últimas campanhas.

Palavras-chave: Megalitismo. Dólmen simples. Beira Alta.

1. INTRODUÇÃO

Na sequência dos reconhecimentos efectuados em 1987 e 1988, processou-se entre 18 e 23 de Setembro de 1992 e 13 a 28 de Julho de 1993, duas campanhas de escavações neste monumento megalítico. Os trabalhos decorreram no âmbito do 7º e 8º Campos Arqueológicos de Canas de Senhorim, sendo apoiados pela Câmara Municipal de Carregal do Sal, Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim (Núcleo Filatélico e Numismático) e Companhia Portuguesa do Urânio, a quem agradecemos. Participaram dos trabalhos diversos alunos universitários.

* Licenciado em História e História, Variante de Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do PEABMAN. Rua Dr. Ricardo Jorge, 5, 13º Esq. Venda Nova, 2700 Amadora, Portugal.

2. LOCALIZAÇÃO E ANTECEDENTES

A Orca 2 do Ameal (ORAM2), localiza-se no topo do interflúvio entre o Mondego, a sul, e a ribeira da Azenha, a noroeste (cf. Fig. 1). As suas coordenadas hectométricas GAUSS, são 216.125/386.050, folha 211 da Carta Militar de Portugal, escala 1/25000, freguesia de Oliveira do Conde, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu.

A área aplanada, rasgada pelo vale do Mondego, onde se situa o sítio arqueológico, é constituída, a nível geomorfológico, maioritariamente por granitos, ainda que esporadicamente, estes sejam, atravessados por filões quartzosos. O granito surge nas suas variedades de monozonítico de duas micas e biotítico de grão médio a fino. Os depósitos quaternários de cobertura, são formados por argilas e arcoses diversas (TEIXEIRA, 1961:8-9), com fraca potência na área do sítio arqueológico em questão.

Quanto a solos, dominam os cambissolos húmicos, (cf. “Carta dos Solos”, *Atlas do Ambiente*, II.1, 1978), geralmente pouco profundos e extremamente ácidos, variando o *Ph* entre 4.5 e 4.6, formando algumas manchas de solos de “Classe A”, entremeadas por manchas de “Classe C e F”, de capacidade agrícola reduzida (com limitações moderadas ou acentuadas) ou apenas florestal (cf. “Carta de Capacidade de Uso do Solo”, *Atlas do Ambiente*, III.3, 1978), com alguma horticultura, cultivo de milho e de oliveira em socalcos ou nas baixas aluviais, ocupando a vinha algumas das vertentes e parte dos interflúvios entre os cursos de água principais.

Contudo, importa referir que, o carácter fortemente trabalhado dos solos mais ricos e a grande transformação, provavelmente pós-medieval, da paisagem, com acentuada desflorestação das encostas e preenchimento do fundo dos vales, obriga-nos a uma grande prudência na possível utilização dos dados actuais para o período que aqui nos importa.

O monumento, tal como o da Orca 1 do Ameal que lhe fica contíguo, foi identificado pela primeira vez na Páscoa de 1987, por uma equipa do então ESPOV1/PEABMAM, que procedia à primeira campanha de emergência, no vizinho sítio de habitat do Ameal-VI (SENNA-MARTINEZ, no prelo a.), do qual dista apenas 130m para sul.

Em 1987, durante o 3º Campo Arqueológico de Canas de Senhorim, uma equipa, dirigida pela Dr.^a Luísa Cortesão Portela, procedeu ao corte de matos e levantamento topográfico de base dos dois monumentos, enquanto outra equipa com a colaboração do topógrafo da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, Senhor António Cardoso de Oliveira, procedia ao levantamento topográfico global da área do Ameal.

A escavação do Habitat do Ameal-VI, campanhas 1(1987), 2(1988), 3(1989) e

4(991) (SENNA-MARTINEZ, 1989b., no prelo a. e b.) e da Orca dos Fiéis da Telha, campanhas 1(986), 2(987) e 3(988), (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, no prelo a, b e c; SENNA-MARTINEZ, VENTURA & DELGADO, 1987), tornavam prioritário o estudo dos dois monumentos megalíticos que lhe ficavam quase que anexos: as Orcas 1 e 2 do Ameal (SENNA-MARTINEZ, 1989b, SENNA-MARTINEZ, J.C. e SENNA-MARTINEZ, no prelo c). Deste modo se programou o seu estudo, iniciado, em 1989, pelo monumento 1 (VENTURA, J. 1993, no prelo a. e c.) e continuado agora pelo monumento 2.

3. OS TRABALHOS

3.1. Metodologia

Após o corte da vegetação superficial (incluindo alguns pinheiros), implantou-se um referencial, orientado a 4º Norte magnético. Uma vez verificado o levantamento de superfície, efectuado em 1987, optou-se, por economia de meios e tempo, por decapar integralmente duas faixas de 2m de largura, correspondentes a duas Sanjas (A e B), abrangendo, a intervenção, os quadrados H/I - 1/9 da Sanja A e os quadrados F/G - 1/3 da Sanja B (cf. Fig. 2) de modo a obter uma percepção do estado de conservação do *tumulus* subjacente e, em continuidade, da estrutura central do monumento.

3.2. A Mamoa

Após a remoção da camada humosa superficial [UE.0], terras castanhas escuras (Munsell 10YR 4/3), a qual integrava raízes, fragmentos de cerâmicas a torno rápido e abundantes carvões resultantes dos incêndios florestais, detectou-se uma camada de terras castanhas (7.5YR 5/4), que cobria a superfície da mamoa [UE.1], com uma potência média de 35cm. Estas envolviam pedras de pequena-média dimensão de granito com alguns elementos de quartzito e quartzo leitoso, denotando remeximentos importantes, devidos à lavra efectuada para o plantio do pinhal, a qual permitiu a detecção deste conjunto de monumentos/sítios no “planalto” do Ameal.

Era evidente a existência de grandes remeximentos, mas apesar da decapagem da UE.1, por níveis artificiais de 10cm de espessura, não foi possível a detecção, dos limites das áreas remexidas. No interior da UE.1, na Sanja A, em H-3, recolhemos um calhaus rolado, com indícios de ter sido usado como percutor.

Sob a UE.1 eram visíveis as seguintes realidades (cf. Fig. 3):

— Em H/I-3, encostando ao topo norte, e continuando por H/I-4, detectámos o topo de um forte anel pétreo [UE.4], com continuação pela Sanja B (quadrados G/F-4), constituído por elementos pétreos de média e grande dimensão, maioritariamente de granito, com alguns exemplares de quartzito, que se encontram cuidadosamente imbricados de modo a que as exteriores travam os interiores (cf. Fig. 4 e 5), configurando-se como o anel interior, de contrafortagem da câmara;

— Na periferia da Sanja (H/I-4/6) encostando ao anel de contrafortagem, UE.4, pela sua face norte, ou seja exterior, detectámos, o que parecem ser, as terras de enchimento da mamoa [UE.7], composta por terras castanho claras (10YR 6/4) de consistência média-dura. No seio desta UE, a cerca de 35cm do topo da mamoa, em H-5, recuperámos um fragmento de bojo de olaria manual e de um fragmento distal de lasca em sílex, possivelmente provenientes das terras utilizadas na construção da mamoa;

— No topo norte da Sanja (H/I-6/7), a cerca de 1.5m da UE.4, surgiu-nos uma outra estrutura lítica [UE.8], que à semelhança da UE.4, era constituída maioritariamente por elementos pétreos em granito de grande e média dimensão, com alguns exemplares de quartzito, que se encontram cuidadosamente imbricados de modo a que os exteriores travam os interiores. Esta estrutura encontrava-se inserida numa matriz de terras castanho amareladas (10YR 6/6) [UE.15];

— A UE.8, em H/I-6, apresentava como que uma extensão do anel pétreo exterior, que após a construção e consolidação da estrutura tumular, terá sido alargado, acavalgando sobre a UE.7, de modo a revestir com uma camada de pedras de médias e pequenas proporções, toda a superfície da mamoa, dando-lhe a forma de uma carapaça de revestimento da superfície de *tumulus*, similar à situação detectada na Orca 1 do Ameal (VENTURA, J. no prelo a. e c.);

— Na face exterior da UE.8, em H/I-8/9, sob a UE.1, detectou-se uma matriz de terras amarelas-alaranjadas (10YR 5/3) compactas [UE.20] e que durante a sua remoção, por camadas artificiais de 5cm de altura, permitiram a recolha, em H-6, de 2 fragmentos de olaria manual e em I-8, de 3 fragmentos de olaria manual, um dos quais um fragmento de bordo de uma taça hemi-elipsoidal (ORAM2 33/93), tipologicamente afim às do Habitat Ameal-VI (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989 a.), que se situa a cerca de 130m para norte. No entanto, os remeximentos ocorridos recentemente no planalto, não permitiram a detecção de quaisquer estruturas associadas a estes fragmentos, na área escavada;

Desmontadas estas UEs, verificámos que enquanto na maioria dos quadros (H/I-3/9), estas assentavam directamente e em descontinuidade clara sobre o areão granítico de base [UE.21], no entanto, em H5, surgia na base das terras de enchimento da mamoa [UE.7] uma camada de terras, castanhas vivas (7.5YR

5/6), com uma espessura média de 8 cm [UE.22], sem qualquer espólio, possivelmente resultantes do transporte de terras de uma origem diferente, aquando da construção do *tumulus*. Sob a UE.21, encontravam-se os granitos de base [UE.19].

3.3. A Câmara

A área correspondente à designação de câmara, corresponde *grosso modo* aos quadrados F/G/H/I-1/2/3, referente à zona onde em 1987, se detectou um ortóstato e uma fossa de violação (cf. Fig. 2). A intervenção de 1(992) tinha como principal objectivo, nesta área, “a percepção do estado de conservação da estrutura central do monumento, de molde a perspectivar as estratégias de intervenção no futuro”, tal como foi referido no respectivo relatório de escavação, enviado ao IPPAR. Após esta campanha a área foi alargada de molde a compreender a inserção da estrutura megalítica na mamoa e o seu enchimento.

Após a remoção da UE.0, onde apenas recolhemos alguns fragmentos de cerâmica contemporânea (recipientes para recolha de resina), surgiu a UE.1, que também aqui assumia as mesmas características, já referenciadas no ponto anterior.

Era evidente a existência de grandes remeximentos, mas apesar da decapagem da UE.1, por níveis artificiais de 10cm de espessura, não foi possível a detecção, dos limites das áreas remexidas. No interior da UE.1, recolhemos um Geométrico crescente em I-2 e um raspador em quartzo, de G-2 (ORAM2 1/92 e 2/93 respectivamente). Esta UE assentava, em parte, sobre terras de matriz amarelo-acastanhadas (10YR5/6) de consistência média [UE.2] onde eram visíveis as seguintes realidades (cf. Fig 4):

— Em G-1 e G-2, detectámos a existência de dois ortóstatos, que não eram visíveis anteriormente, por se apresentarem cobertos por esta UE. Estes esteios [E.1 e E.2], que se encontram-se na sua posição original, ainda que quebrados no topo, definem um espaço que poderá corresponder à entrada do monumento, de forma similar ao encontrado em ORAM1²;

— Em G-2/3, encostando pelo exterior ao ortóstato E.2, detectámos o topo de um forte anel pétreo [UE.4] e com continuação pelos quadrados H/I-4, constituído por elementos pétreos de média e grande dimensão, maioritariamente de granito, com alguns exemplares de quartzito, que se encontram cuidadosamente imbricados de modo a que os exteriores travam os interiores (cf. Fig. 4 e 5), configurando-se como o anel interior, de contrafortagem da câmara;

² Cf. VENTURA, no prelo c.

— Na continuação da UE.4, em G-1, em frente da entrada da câmara, detectou um pequeno aglomerado de elementos líticos de médias proporções [UE.9], que se configuram, para além da continuação do contraforte, como os elementos de fecho da câmara sepulcral;

— Entre I-2 e H-1, encostando a um conjunto pétreo [UE.6] detectámos o topo de dois ortóstatos [E.5 e E.3 respectivamente], sobre os qual se apoia a única laje visível antes dos trabalhos, que assim se poderá assumir como uma possível tampa do monumento, deslocada por via da acção das “garras” da máquina usada para o plantio do pinhal;

— Em H/I-1/2, detectámos um conjunto pétreo [UE.6], encostando pelo lado exterior aos esteios E.1, E.3 e E.5, que, apesar dos profundos remeximentos provocados, se apresenta como o anel de contrafortagem interior da Mamoa, por isso a continuação neste quadrante, da UE.4;

— No quadrante sul de H-3 e continuando por H-2, identificámos os contornos exteriores de uma fossa [UE.5], escavada na UE.2, que se encostava a uma grande laje de granito tombada sobre o interior da Câmara [E.4], que pela sua situação e características, se apresenta como um dos esteios do lado norte do monumento e a fossa como o testemunho de uma presumível violação da Câmara.

Ainda sob a UE.1, em F/G-1/2, no topo norte e nordeste, detectámos a interface superior de uma camada de terras arenosas (10YR 6/4) muito compactadas [UE.7], que encosta aos elementos do anel pétreos UE.4. Esta UE, encontrava-se coberta, em parte, em F/G-3, por uma estrutura pétrea [UE.8], que como que acavalgava sobre a UE.7. A escavação, em níveis artificiais de 5cm, permitiu identificar esta UE, como os restos conservados da carapaça de cobertura superior da mamoa, que o registo arqueológico observado na Sanja A, na mamoa, indiciam como uma continuação do anel lítico, de retenção exterior. Esta estrutura lítica encontrava-se inserida numa matriz de terras em tudo semelhantes à UE.7, mas que pela sua posição receberam a designação de UE.15, já caracterizada no ponto anterior.

A escavação, em níveis artificiais de 10cm da UE.7, até uma profundidade de 30cm, do topo original da unidade, permitiu a detecção do seguinte:

— Em G-3, a uma cota de 315.260, ou seja 58cm abaixo da superfície actual, de um bloco de material vegetal carbonizado (ORAM2 16/93), que se encontrava, sob um dos elementos líticos do anel de contrafortagem interior [UE.4], que esperamos que seja suficiente para uma futura datação de ¹⁴C;

— Em F-1, a uma cota de 315.47, um fragmento de bordo de recipiente de olaria manual, com uma linha de incisões ao longo do lábio e uma outra ao longo do bojo, paralelas ao bordo, que pelo tipo de pastas e decoração, fazem lembrar peças afins encontradas no sítio das Carriceiras (SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, no prelo a.). Associado a este fragmento, encontraram-se ainda,

2 fragmentos de bojos de olaria manual;

— Em G-1, na mesma situação da olaria, detectou-se um pequeno fragmento distal, de uma lamela de quartzo.

Tudo parece configurar que, pelo menos a olaria e a lamela, tenham vindo misturadas com as terras que serviram de enchimento à mamoa, por isso, possivelmente, provenientes de um sítio de habitat próximo, que no entanto não foi ainda possível detectar.

A remoção da UE.2³, permitiu caracteriza-la como resultante dos diversos remeximentos, que o monumento sofreu, ao longo da sua existência, já se recuperam não só artefactos de inserção pré-histórica, dos quais destacamos, um núcleo em quartzo (ORAM2 14/93) de H-3 e um fragmento de bordo de cerâmica manual, em I-2 (ORAM2 29/93) bem como fragmentos de cerâmica vidrada do séc. XIX.

Durante a escavação da UE.2, detectamos, em H/I-2 e parte sul de I-3, um conjunto lítico [UE.11], que se configurava como o derrube do anel de contrafortagem [UE.4], para o interior do espaço sepulcral, por via das diversas violações que o monumento sofreu.

A UE.2 assentava directamente e em descontinuidade clara sobre a UE.10, que era constituída por uma matriz de terras castanho amareladas claras (5YR 5/4) bastante compactadas, que se configurava como a camada de enchimento original, conservada da câmara. A escavação desta UE, permitiu recuperar *in situ* uma pequena goiva em xisto polido (ORAM2 18/93) uma pequena lamela de dorso, em sílex (ORAM2 27/93) e um Geométrico crescente, sobre lâmina (ORAM2 28/93) em H-2; um Geométrico crescente, sobre lâmina (ORAM2 25/93) em I-2, sob o derrube UE.11; um outro Geométrico trapézio sobre lâmina (ORAM2 36/93) em I-1. Foi ainda possível recuperar, 7 pequenas contas discoídeais, em xisto, com perfuração central, provenientes desta unidade (ORAM2 34 e 37/93).

Ainda na UE.10, demarcavam-se os contornos de seis fossas (cf. Fig. 5): a UE.12 encostada à UE.9, em G-1, resultado de uma toca de animal; a UE.13, em G-2, que se afigura como a fossa de implantação do Esteio E.4, que terá tombado para o interior, por via das violações que o monumento sofreu; a UE.14, em H-2 e parte sul de H-3, correspondendo à fossa de implantação do Esteio em falta do lado norte, em frente a E.6; a UE.15, em I-2, que se afigura como a fossa de implantação, do Esteio de cabeceira em falta; a UE.17, em I-1, encostando ao Esteio de cabeceira E.5, correspondendo à sua fossa de implantação. Por fim a UE.18, em H-2, no centro da câmara, que pela sua localização e estrutura (uma

³ Nesta tarefa, tivemos o auxílio da máquina da C.M. de Carregal do Sal, que efectuou a remoção da Tampa T.1 e Esteio E.4, tombados no interior do espaço sepulcral.

fossa circular com 12 cm de diâmetro e 11 cm de profundidade) se configura como um possível buraco de poste, para apoio a estrutura de sustentação dos Esteios/Tampa, durante a erecção do monumento, à semelhança do detectado na Orca dos Fiais da Telha (SENNA-MARTINEZ & VENTURA no prelo c.).

Ainda durante a escavação da UE.10, detectaram-se os calços internos dos Esteios E.2 [UE.23], E.1 [UE.24] e E.3 [UE.25], respectivamente. Sob a UE.10, encontravam-se os granitos de base [UE.19].

Para efeitos de protecção, no final das campanhas toda a área escavada foi re-entulhada com pedra solta e terra de crivo, dentro de uma estratégia de consolidação, para restauro posterior, do monumento.

Pretende-se em conjunto com a Câmara proceder ao pedido de classificação do Monumento e, em seguida, ao enquadramento paisagístico deste, conjuntamente com o Monumento 1 do Ameal, com o qual forma uma *Necrópole Megalítica*⁴.

4. CONCLUSÃO

A análise dos dados fornecidos pela escavação da Orca 2 do Ameal, podem ser divididos em duas vertentes, a arquitectónica e a artefactual:

— Quanto ao primeiro, os dados indicam ser um dólmen de câmara poligonal simples, aberta e sem corredor, com dois esteios de cabeceira e três outros imbricados em cada um dos quadrantes sul e norte, encontrando-se a câmara orientada a leste.

— Esta estrutura encontra-se inserida num *tumulus*, de forma elíptica, no sentido N-S, com 14m por 11m, atingindo actualmente uma altura de 1.4m, sobre o terreno envolvente, constituído por um contraforte interior, rodeado por dois anéis concêntricos: um exterior lítico, separado do contraforte interior por um anel de terras.

— Quanto ao espólio, não obstante remeximentos, alguns deles que se configuram como recentes, foi possível a recuperação, no que restava, do nível de enchimento original, por isso em deposição primária, de um conjunto de artefactos, que apontam para um momento arcaico, dentro do megalitismo regional, para a construção deste monumento, já que a presença significativa de 3 geométricos sobre lâmina⁵ (2 crescentes e 1 trapézio), dentro dos artefactos recolhidos, que incluem igualmente 1 lamela de dorso, uma pequena goiva em xisto polido e um conjunto de contas discofóidais em xisto, parece apontar, pelo menos em parte, para

⁴ Cf. VENTURA, 1993 e no prelo c. e SENNA-MARTINEZ, no prelo a.

⁵ Ao qual se junta o Geométrico crescente (ORAM2 1/92) proveniente da UE.1.

contextos similares aos encontrados nos níveis de base dos monumentos 1, 2 e 3 da necrópole do Carapito (LEISNER, V. & RIBEIRO, L., 1968), Orca de Pramelas (SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1989) e na Orca 1 do Ameal (VENTURA, J. no prelo a. e c.) ou seja para as primeiras manifestações regionais do megalitismo.

Tal como já afirmámos anteriormente (VENTURA, J. no prelo c.) tudo parece indicar que estas primeiras manifestações regionais do megalitismo parecem estar associadas a deposições rituais de certo tipo de artefactos, tais como geométricos sobre lâmina, em especial triângulos e segmentos de círculo, lâminas em sílex, na maioria das vezes não retocadas e macro utensilagem em pedra polida, de secção transversal sub-elíptica, com gume polido e corpo picotado, estando a cerâmica mais ou menos ausente⁶ ou seja, parecem indiciar existência de um “pacote artefactual” muito específico, que surge como supra-regional, num determinado momento.

A esta discreta uniformidade artefactual, corresponderia um polimorfismo das estruturas arquitectónicas, mesmo dentro de micro-cosmos regionais⁷, que se alarga aos sistemas de implantação e de povoamento inerentes (SENNA-MARTINEZ, no prelo b. e c.). Assim no “planalto” do Ameal, alargar-se-ia desde muito cedo⁸, através de um processo de «necropolização» (JORGE, 1986a) por via da implantação sequencial de monumentos de corredor longo, caso da Orca dos Fiais da Telha (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, no prelo a, b, c e d; SENNA-MARTINEZ, VENTURA & DELGADO, 1987).

Cremos, pois, estar em condições de integrar, com as devidas reservas, a Orca 2 do Ameal, tal como o já fizéramos para o monumento vizinho da Orca 1 do Ameal, na etapa mais antiga, até ao momento identificada, do megalitismo regional, no que propostas recentes (SENNA-MARTINEZ, 1989a e b e no prelo c.) designam de *Horizonte Carapito/Pramelas*, que apresenta já, desde os seus momentos iniciais, um polimorfismo de soluções arquitectónicas semelhante às detectadas para outras regiões (cf. CRUZ, 1988).

⁶ De salientar que apesar da presença de diversos fragmentos de cerâmica, entre o espólio recuperado deste monumento, nenhum deles foi encontrado em contexto seguro, com excepção do proveniente das terras da mamoa e, que a presença de restos cerâmicos em todo o planalto do Ameal, levanta a questão da sua correcta inserção, se objectos depositados no monumento ou se foram arrastados da periferia para as zonas remexidas do monumento, por via das diversas acções humanas sobre o sítio.

⁷ Veja-se por exemplo o caso dos Monumentos 1 e 2 e 3 do Carapito (LEISNER, V. & RIBEIRO, L., 1968); a Orca de Pramelas (SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1989) e a Orca 1 do Ameal (VENTURA, J. no prelo c.).

⁸ Comunicação de Ventura, J. “O núcleo megalítico de Fiais/Ameal: Problemas e perspectivas”, in: *Sessão “Resultados de dez anos de investigação na Bacia do Mondego”*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 4 de Maio de 1993.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. 1982. "Carta de capacidade de uso dos solos (III-3)" in: *Atlas do Ambiente*, 1:100000, CNA, Lisboa.
- CRUZ, D. J. da 1988. "O Megalitismo do norte de Portugal" in: *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Porto, pp.15-65.
- DELIBES DE CASTRO, G. & SANTONJA, M. 1986a. *El fenómeno megalítico en la Provincia de Salamanca*, Ediciones de la Diputación de Salamanca, serie Prehistoria & Arqueología 1, Salamanca.
- FERREIRA, A. Brum 1978. *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4, Lisboa.
- JORGE, V.O. 1986a. "«Monumentalização» e «Necropolização» no megalitismo europeu", in: *Trab. Antrop. e Etnol.*, XXVI (1-4), Porto, pp.233-237.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. 1968. "Die Dolmen von Carapito" in: *Madridrer Mitteilungen*, 9, Madrid, pp. 11-62.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989a. *Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições, para um modelo sócio cultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F.L.Lisboa, 3 Vol. policopiado.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989b. "O Megalitismo da Bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 83-97.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo a. "O sítio de habitat do Ameal-VI, alguns resultados das campanhas 1(1987) a 3(1989)" in: *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo b. "The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view", in: KATINA, T. Lillios, ed. *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Ibéria*, International Monographs in Prehistory.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo c. "Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & ESTEVINHA, I. no prelo a. "O habitat das Carriceiras (Carregal do Sal: notícia preliminar)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1987. "A Orca de Pramelas" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.107-108.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1989. "A Orca de Pramelas, Canas de Senhorim" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 37-50.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 2(1987)" in: *Informação Arqueológica*, 9, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo b. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 3(1988)" in: *Informação Arqueológica*, 10, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo c. "A Orca 1 do Ameal: a campanha 1(1989)" in: *Informação Arqueológica*, 11, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M. & DELGADO, P.M. 1987. "A Orca dos Fiais da Telha" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.101-103.
- TEIXEIRA, C. et all 1961. *Notícia explicativa da folha 17-C, Santa Comba Dão*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

- VENTURA, J.M. 1993. "Novos Monumentos Megalíticos no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Ed. Colibri, Lisboa.
- VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca 1 do Ameal: resultados preliminares da campanha 1(1989)", in: *Actas II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- VENTURA, J.M. no prelo b. "Novos Monumentos Megalíticos no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar", in: *Actas das I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco/Guarda.
- VENTURA, J.M. no prelo c. "A Orca 1 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde.

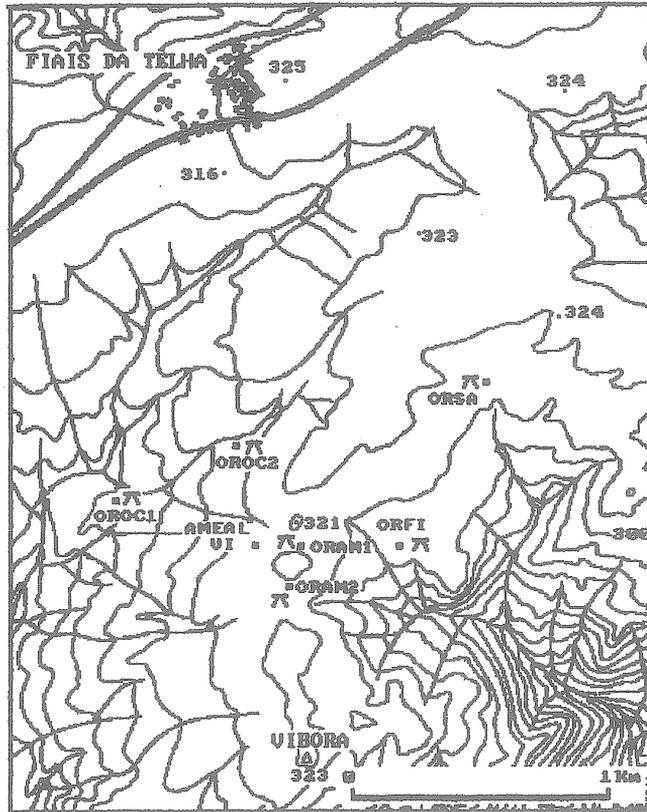


Fig. 1 — Localização da Orca 1 do Ameal.

ORCA 2 DO AMEAL

P0

Levantamento Topográfico de 1987

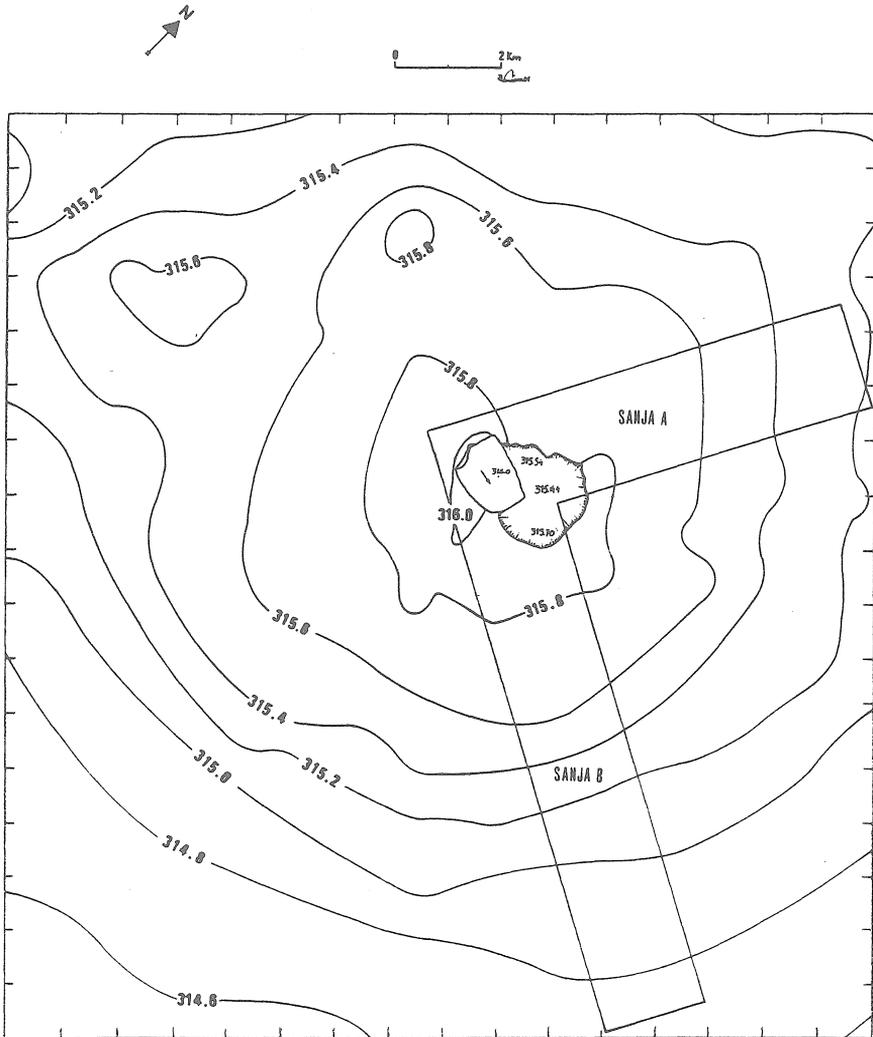


Fig. 2 — Planta topográfica da Orca 2 do Ameal, antes dos trabalhos de decapagem.

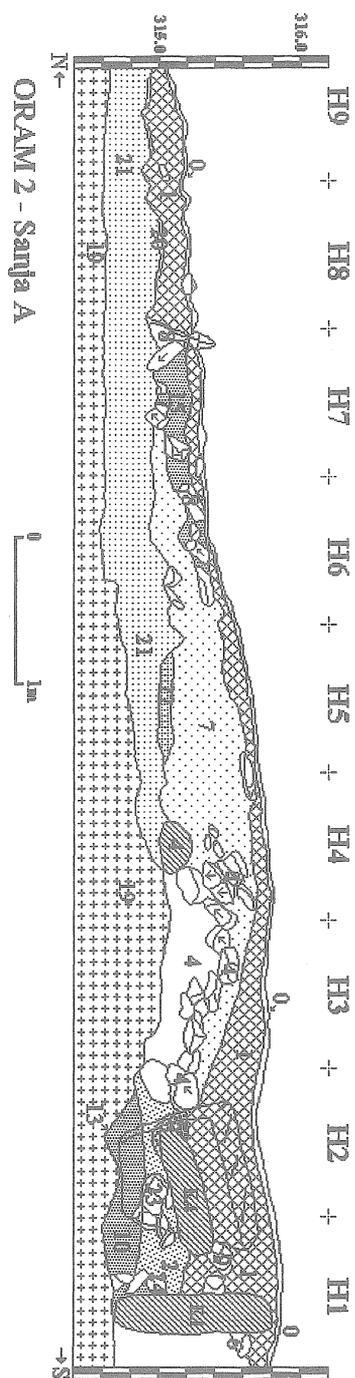


Fig. 3 — Perfil longitudinal da Sanja A, da Orca 2 do Ameal.

ORCA 2 DO AMEAL

P2 - Sanja A e B

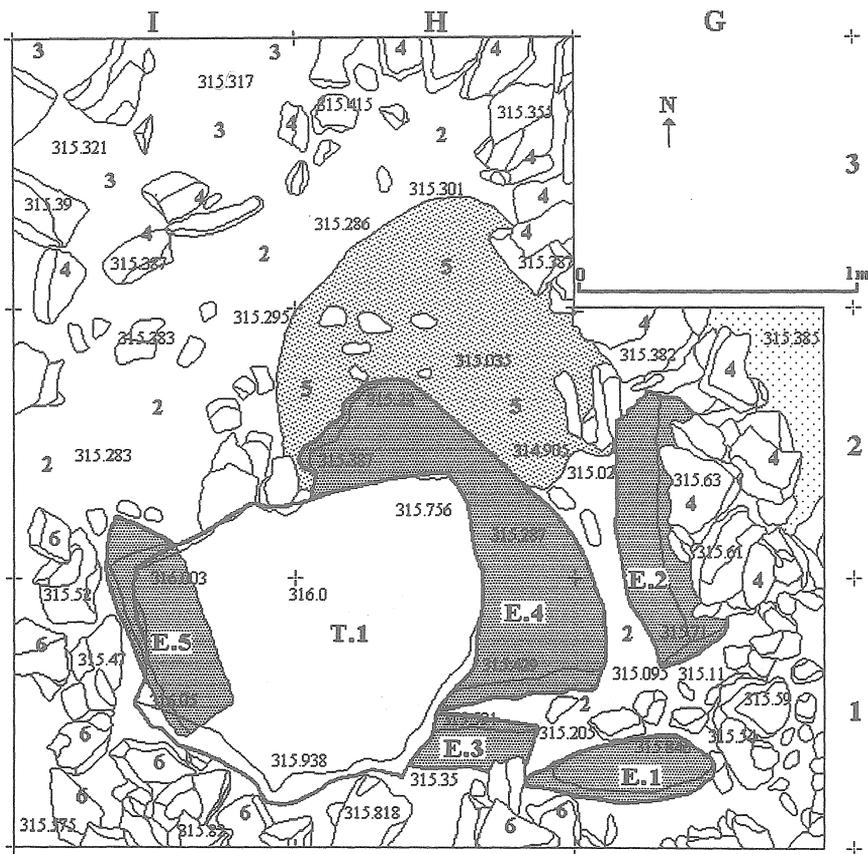


Fig. 4 — Planta do final da campanha 1(1992) da Sanja A e B, com projecção dos esteios.

